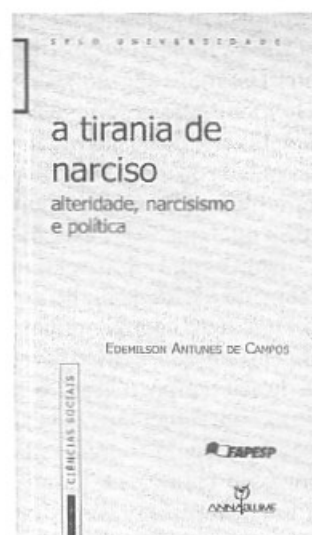


Narcisismo na obra de Rousseau

CAMPOS, Edemilson. Antunes de. *A tirania de narciso: alteridade, narcisismo e política*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001, 136 p.

Francisco José Nunes
Mestrando em Ciências Sociais pela PUC/SP
Docente e pesquisador da Faculdade Cásper Líbero
fj.nunes@uol.com.br



A reflexão feita por Edemilson Campos sobre alteridade, narcisismo e política, sob a ótica do filósofo Rousseau, é extremamente oportuna para o início do século XXI. As manifestações de xenofobia, intolerância, fundamentalismo, guerras fratricidas e a "cultura do narcisismo", tremendamente exploradas pela mídia, têm provocado o que Zygmunt Bauman chama de "o mal-estar da pós-modernidade". Campos afirma que "o narcisismo é produto de uma sociedade de aparência, uma sociedade do espetáculo que valoriza e celebra a imagem" (p. 109).

O livro "*A Tirania de Narciso*" foi apresentado originalmente como dissertação de Mestrado, na Unicamp, em 1998. A obra trata do "mal do século": a fúria do amor-

próprio, isto é, o narcisismo. Segundo o autor, "o 'narcisismo' aparece como um problema social e político, isto é, a passagem para a vida social cria as condições de possibilidade de emergência do homem do amor-próprio, o 'moderno Narciso', que anula o outro, transformando-o em mera projeção de si mesmo, colocando em risco a vida social e política" (p. 17-18).

Rousseau escreveu, aos 21 anos de idade, uma peça de teatro intitulada "*Narciso ou amante de si mesmo*". Nela, expõe o conflito em que o homem se encontra, isto é, no jogo do *ser* e do *parecer* (grifo nosso). A crítica sociocultural feita por Rousseau, ou seja, que a vida social não passa de um teatro, onde prevalece a aparência e a hipocrisia, acerta em cheio na

crítica ao narcisismo. Aqui entram em conflito as duas grandes visões políticas de Hobbes e Rousseau. Edemilson Campos recorre, entre outros teóricos, principalmente à obra de Luiz Roberto Salinas Fortes (1937-1987) – profundo estudioso de Rousseau – para desenvolver sua reflexão.

Como já sabemos, para Rousseau “o homem nasce bom e a sociedade o corrompe”. O filósofo rompe com o dogma do pecado original. A sociedade torna o homem um tirano. Rousseau propõe como alternativa que o homem coloque-se no lugar do outro, para que possa criar laços afetivos. Ele fala na *pitié*, isto é, na piedade natural, anterior a toda reflexão, que leve o homem a se identificar com o sofrimento de seu semelhante, conseqüentemente suaviza a ferocidade do amor-próprio (que leva cada indivíduo a dar mais importância a si do que a qualquer outra pessoa).

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, no dia 28 de junho de 1712. Portanto, em 2002 comemoramos, 290 anos do seu nascimento. Crítico severo da sociedade de seu tempo, o filósofo genebrino previu as conseqüências sociais, fruto das opções feitas pelo Iluminismo. A noção de progresso para os enciclopedistas era, na leitura de Rousseau, sinônimo de retrocesso e corrupção. Para o autor do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, os desvios e injustiças começaram quando o primeiro

homem cercou um terreno, disse “isto é meu”, encontrou ingênuos que acreditaram e fundou a sociedade civil. As conseqüências são a miséria, a violência, os conflitos e todos os horrores decorrentes da desigualdade social. Na sociedade primitiva, segundo Rousseau, tudo era de todos.

É verdade que Voltaire ironiza a obra de Rousseau dizendo que “é impossível pintar com cores mais fortes os horrores da sociedade humana. Ninguém usou de tanta inteligência para nos reduzir a animais: lendo o vosso livro, dá vontade de andar de quatro”. Rousseau não era contra o Iluminismo, apenas propunha um outro caminho. Este caminho passa pelo Outro, exatamente o contrário do narcisismo. Apesar de Rousseau nunca ter usado a expressão “bom selvagem”, ela é perfeitamente adequada para expressar o seu pensamento, já que tornou-se uma espécie de categoria filosófica.

O narcisismo, portanto, representa um grande perigo para a constituição de uma cultura política democrática pois, ao suprimir o Outro, impõe a sua vontade como lei. “O moderno Narciso está assim, longe de ser uma defesa do indivíduo frente às adversidades da vida, mas representa um sério risco à vida política e social” (p. 126), conclui Edemilson Campos.

Nota-se que a questão do narcisismo é extremamente atual e o livro *A Tirania de Narciso* apresenta uma excelente reflexão sobre o tema.